

Diferentes somos todos

Alina Perlman

Ilustrações Cecília Esteves

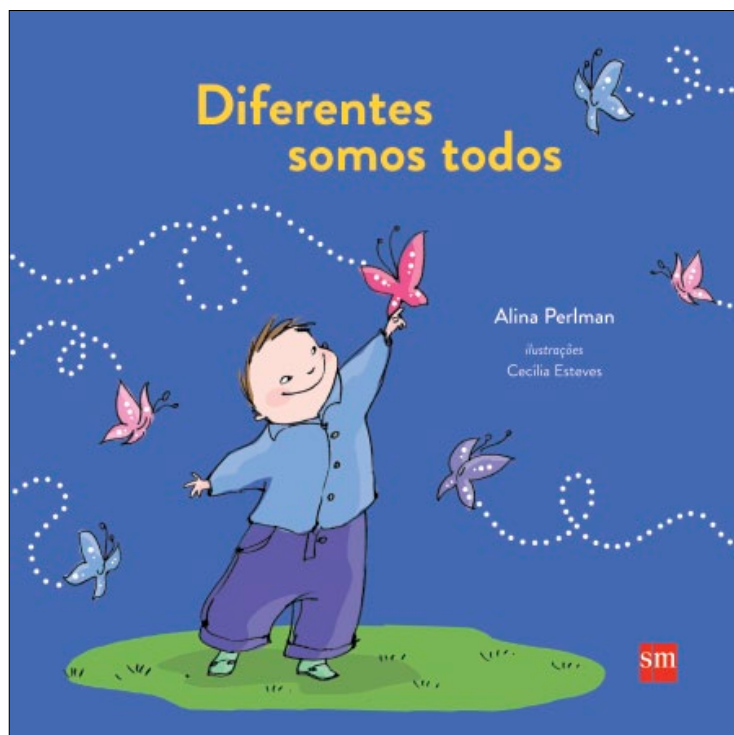
Nível leitor A partir de 8 anos

Anos escolares 3º e 4º

Temas Respeito pelas diferenças / Inclusão social / Síndrome de Down



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
72 páginas

O LIVRO Carminha vive na periferia e estuda numa escola de classe média alta, onde tem uma bolsa de estudos. Com medo de não ser aceita pelos colegas, esconde deles a sua verdadeira origem. Num domingo, enquanto passeia com o seu irmãozinho no parque, encontra-se, por acaso, com Laura, uma das meninas mais populares da escola. A partir desse encontro, elas descobrem que têm muitas afinidades, além de irmãos com síndrome de Down.

COMPLEXIDADE DO TEXTO Indicado para leitores de 8 a 10 anos, o texto é bastante acessível. O vocabulário e a estrutura são adequados para a faixa etária. A linguagem coloquial e o discurso direto facilitam a compreensão.



POR QUE ESTE LIVRO?

A criança está formando valores éticos, e *Diferentes somos todos* dá a oportunidade para que ela perceba os códigos sociais de vários pontos de vista. Com base neste texto, é possível que ela reflita sobre as diferentes formas de ser e de conviver.

Desde que nasce, a criança tem nos pais o modelo e na imitação uma forma de experimentar, conhecer e buscar a sua identidade. Tudo isso faz parte do crescimento. Mas existe um momento em que é fundamental que ela busque a sua forma pessoal de atuar. Nem sempre é fácil, já que nesta fase se acredita que o legal é ser igual. É recorrente, forte e perigosa a ideia de que só é aceito num grupo quem se encaixa nesse modelo.

Este livro lida justamente com essa questão. Vários personagens, cada um com a sua história, estão às voltas com a ideia de que não serão aceitos como são. A inclusão de que tratamos aqui vai muito além do ingresso das crianças com síndrome de Down na escola e dá ao pequeno leitor a oportunidade de compreender a questão de diferentes formas.

O TEXTO LITERÁRIO

Diferentes somos todos é um texto bastante acessível. O uso de uma linguagem coloquial e apoiada no discurso direto facilita a compreensão por parte das crianças em fase de aquisição de fluência. E, sem dúvida, a percepção de que ela pode ler e compreender com autonomia é um grande incentivo nessa etapa da aprendizagem.

A autora optou por caracterizar os personagens e situações de forma simples e calcada em signos de uso comum: a moça humilde é empregada doméstica, os ricos querem tênis de marca. Os pobres são solidários e éticos, enquanto os ricos têm dificuldade em compreender e aceitar o diferente. Essa estereotipia, se bem trabalhada, pode ser enriquecedora, pois torna o texto mais próximo de um universo já conhecido do pequeno leitor e o leva a refletir sobre aquilo que usualmente é aceito sem questionamento.

EM TEMPO

Preconceitos nada mais são do que ideias concebidas por não se ter um conceito: melhor deixar que o diferente (ou desconhe-

Dica

Com base nas informações dadas no texto, é possível conversar com os alunos sobre a estereotipia, signos que, de tão recorrentes, tornam-se parte de um repertório universal e simplista. Uma maneira de chamar a atenção para isso é propor um jogo de mímica em que terão de fazer algumas cenas nas quais essa estereotipia aparece. Ao pedir uma cena de um casal de namorados, por exemplo, certamente haverá um beijo romântico na interpretação. Na cena de um jogador de futebol machucado, provavelmente haverá alguém mancando. Enfim, esse exercício pode ser o início de uma conversa sobre a forma estereotipada — e, portanto, empobrecida — com que enxergamos os outros.

Dica

Uma maneira de aproximar, de forma mais genérica, os alunos da ideia de preconceito é conversar sobre coisas (ou pessoas) que eles não conhecem, mas das quais ainda assim não gostam. Conforme o envolvimento e o rumo da conversa, é possível propor a eles que depois da leitura façam um movimento de aproximação, experimentando, por exemplo, uma salada, procurando saber mais sobre um animal ou se aproximando de alguém que os intimida.

Dica

Para lidar de forma construtiva com as diferenças, o primeiro passo é constatar que elas existem e que são apenas diferenças. Algumas mais significativas, que exigem cuidados especiais, outras menos evidentes... Com base no texto, os alunos podem conversar sobre suas diferenças. Aquilo que não lhes agrada muito em si e que gostariam que fosse diferente: ser mais habilidoso com a bola, não ter de usar óculos ou aparelho nos dentes, ser mais engraçado, mais alto, e assim por diante.

cido) permaneça distante e não venha desarmonizar o que está acomodado.

Nesse raciocínio, deve ser considerado quanto se perde com a falta de conhecimento em relação ao outro.

Diferentes somos todos fala da exclusão e da necessidade de ser aceito de vários pontos de vista: Carminha sente-se excluída por não pertencer à mesma classe social de suas colegas de classe; as crianças com síndrome de Down são excluídas do sistema de ensino; os pais de Laura sentem-se excluídos porque têm uma filha com síndrome de Down, Gabriela; e, mais sutilmente, Cláudia, que representa o medo da exclusão dentro do próprio grupo de referência e, portanto, apega-se fortemente aos signos do grupo, rejeita tudo aquilo que destoe, porque ameaça o que ela já conhece.

Todos esses exemplos têm um ponto em comum: é muito difícil acreditar que se será aceito sentindo-se diferente. Ao mesmo tempo, acreditar que somos todos iguais é uma ideia bastante equivocada. Como cidadãos, somos iguais perante as leis, os direitos e os deveres, mas individualmente somos todos diferentes. É muito importante que a criança possa refletir sobre essa ideia e entender que existem diferentes formas de ver, sentir e compreender o mundo. As diferenças podem e devem ser valorizadas. Por outro lado, saber-se igual, como cidadão, é fundamental para poder viver de acordo com os seus direitos e deveres.

A dificuldade em incluir o diferente é que se fica esperando dele uma atitude igual. Para pertencer a um grupo, tenta-se negar a diferença, em vez de explicitá-la e torná-la um elemento enriquecedor. Muito provavelmente, Diogo e Gabriela, ao ingressarem numa escola, apresentariam um ritmo mais lento de assimilação, compreensão e abstração dos conteúdos trabalhados; isso, porém, não deve ser impeditivo para a interação com o grupo, tampouco essa diferença deve ser dissimulada perante ele. Ao contrário, deve ser assimilada. A exemplo de outras deficiências, a síndrome de Down exige, sim, alguns cuidados.

Se, por um lado, é preciso desmistificar o culto à forma única e correta de ser, por outro, é preciso conversar sobre as diferenças de maneira mais franca. Para incluir, é necessário aproximar-se, e estar perto significa conhecer e se deixar conhecer.

É justamente esta a premissa que as escolas devem ter ao incluir crianças com deficiência física ou mental no seu grupo de alunos. A criança com deficiência deverá ser tratada de manei-



DEFICIÊNCIA

É todo e qualquer comprometimento que afeta a integridade da pessoa e traz prejuízos à sua locomoção, coordenação dos movimentos, fala, compreensão de informações, orientação espacial ou percepção e contato com as outras pessoas. A deficiência gera dificuldades ou impossibilidade de execução de atividades comuns às outras pessoas, e, inclusive, resulta na dificuldade da manutenção de emprego.

Por isso, muitas vezes, é necessária a utilização de equipamentos diversos que permitam melhor convívio, dadas as barreiras impostas pelo ambiente social. Diante disso, a Constituição Federal de 1998 dispensou tratamento diferenciado às pessoas com deficiência.

DEFICIÊNCIA FÍSICA

É todo comprometimento da mobilidade, da coordenação motora geral ou da fala, causado por lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas ou ainda por má-formação congênita ou adquirida.

DEFICIÊNCIA MENTAL

É um atraso ou uma lentidão no desenvolvimento mental que pode ser percebido na maneira de falar, caminhar, escrever. O grau de deficiência mental varia de leve a profundo.

DEFICIÊNCIA VISUAL

É caracterizada por uma limitação no campo visual. Pode variar de cegueira total à visão subnormal. Nesse caso, ocorre diminuição na percepção de cores e mais dificuldades de adaptação à luz.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

É a perda total ou parcial da capacidade de compreender a fala

ra tal que possa participar das atividades, seja a sua deficiência auditiva, visual, motora ou mental. Ela só se sentirá incluída ao perceber que o grupo compreende as suas dificuldades e a valoriza em outros aspectos. A escola deve pensar em dinâmicas e atividades que levem em conta todos os alunos, sem piedade ou paternalismo, simplesmente considerando as possibilidades e as necessidades de todos eles, sejam deficientes ou não.

A inclusão tem início na terminologia utilizada. Acredita-se que as palavras atuem sobre as pessoas; palavras que discriminam revelarão pensamentos discriminatórios. Referir-se às pessoas com deficiência como manco, cego, mudinho, maneta, mongol exclui essas pessoas, como se elas vivessem trancadas em um universo à parte. São pessoas que acabam tendo todo o seu desenvolvimento e o seu futuro focados no que não podem oferecer, e não no potencial que certamente têm a oferecer à sociedade.

As crianças que apresentam deficiência e convivem em escolas comuns têm nitidamente um desenvolvimento global muito superior àquelas que frequentam escolas especiais e, também, lidam melhor com regras e noção social. Os alunos que recebem essas crianças têm atitudes mais condizentes e respeitadas em momentos diversos. Aceitam mais facilmente a diversidade e são mais criteriosos nos julgamentos morais e sociais. Os professores reconhecem que, no começo, há uma sobrecarga e exige-se um planejamento maior, mas em contrapartida sentem que, com o tempo, o grupo adquire uma maturidade e um espírito cooperativo que são de grande ajuda no dia-a-dia. Todos aprendem juntos que as diferenças fazem parte da vida.

pelo ouvido. Pode ser surdez leve, caso em que a pessoa consegue se expressar oralmente e perceber a voz humana com ou sem a utilização de aparelho. Pode, ainda, tratar-se de surdez profunda.

(Fonte: <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br>)



PARA O PROFESSOR

FILMES

- *A maçã*. Samira Makhmalbaf, Irã, 1998.
- *Nell*. Michel Apted, EUA, 1994.
- *O piano*. Jane Campion, Nova Zelândia, 1993.
- *Ray*. Taylor Hackford, EUA, 2004.

PARA O ALUNO

LIVROS

- *Lin e o outro lado do bambuzal*, Lúcia Hiratsuka. 2. ed. São Paulo, Edições SM, 2015.
- *Esta é Silvia*, Tony Ross. São Paulo, Salamandra, 2000.
- *Orelha de limão*, Katja Reider. São Paulo, Brinque-Book, 1999.
- *Tudo bem ser diferente*, Todd Parr. São Paulo, Panda Books, 2002.

FILMES

- *Lilo e Stitch*. Estúdios Disney, EUA, 2002.
- *O corcunda de Notre-Dame*. Estúdios Disney, EUA, 1996.
- *Pinóquio*. Estúdios Disney, EUA, 1940.



REFLETINDO COM OS ALUNOS

O grupo poderia estabelecer uma correspondência, por carta ou pela internet, com alunos da mesma série de outra escola. Seria interessante se pudessem ser escolas que vivam realidades distintas: escola num grande centro urbano/escola rural; escola particular/escola pública; escola que trabalha com a inclusão/escola que não trabalha com a inclusão.

É importante conversar sobre os propósitos da atividade com os alunos e fazer um acordo com o professor da outra escola. No período entre os contatos, é imprescindível reservar um tempo para conversar sobre o que a outra escola contou de interessante. Pode-se pedir às crianças que reflitam sobre aspectos que caracterizam o grupo delas ou que o diferenciam dos outros.

É fundamental que seja recorrente na escola o planejamento de atividades que levem o aluno a se posicionar diante de diferentes temas, seja uma briga no recreio, seja uma questão da escola ou da cidade, seja ficção ou realidade. O importante é que o aluno tenha a oportunidade de exercitar e conhecer a própria escala de valores e também de ouvir opiniões contrárias às suas, sentindo-se respeitado e respeitando a diversidade.

